

Em entrevista, o ator Othon Bastos fala sobre fazer, aos 93 anos, o primeiro monólogo. No palco, ele conta a própria trajetória no teatro e no cinema

POR NAHIMA MACIEL, PALOMA OLIVETO E SIBELE NEGROMONTE

No monólogo *Não me entrego, não!*, Othon Bastos segura um texto de mais de uma hora e meia com vigor e uma alegria que, para ele, é palavra de ordem há muitas décadas. Tem uma ajudinha da Memória, no palco representada pela atriz Marta Paret, que oferece deixas, coisa pouca, para o ator seguir com a dramaturgia criada pelo diretor Flávio Marinho. “É o que me salva. Quer dizer, ela está comigo a todo instante me ajudando, sempre. É a Memória”, brinca Othon, em entrevista ao **Correio**.

No palco, Marta também é responsável por chamar o ator para um passado que, eventualmente e em tom de brincadeira, ele tenta driblar. “Ela briga”, diz Othon. “Não brigo, não! Só brinco e te salvo”, garante Marta. É uma dupla que funciona muito bem graças à interação, fruto de uma combinação que envolve improviso e muita escuta.

Aos 93 anos, Othon Bastos é um ator com mais de sete décadas de atuação, uma trajetória que perpassa praticamente toda a história do cinema e do teatro brasileiro no século 20. Uma carreira que quase desembocou num consultório de dentista diante dos conselhos pouco didáticos da professora que mandou o menino de 8 anos prometer que nunca, jamais seria ator. “Como ela teve coragem de me dizer isso?”, brinca Bastos, durante a entrevista, ao lembrar da “sestrosa” professora Eliete.

Felizmente, o conselho não foi seguido, mas a subida aos palcos também não foi fácil. Ser ator é

difícil em qualquer Brasil, seja o dos tempos áureos do teatro e da telenovela, seja o da vanguarda cinematográfica. Como conta na peça, Bastos coleciona alguns fracassos que faz questão de narrar. Estão lá o de soldado que entra mudo e sai calado de uma montagem na Inglaterra, onde estudou teatro em 1956 e 1957, o de figurante de luxo em blockbusters nacionais, como *Central do Brasil* (Walter Salles) e o dublê de cangaceiro, que conseguiu evitar, logo depois de viver o Corisco de Glauber Rocha em *Deus e o diabo na terra do Sol*. Isso tudo é material para humor dos bons em *Não me rendo, não!*.

Mas os sucessos também estão lá, e são muitos quando se trata de uma lista de mais de 80 filmes, igual número de peças e cerca de 48 novelas e seriados. O pagador de promessas, filme de Anselmo Duarte no qual vive o personagem de um repórter, ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes em 1962. Com José Celso Martinez Corrêa, no Teatro Oficina, ele fez *O rei da vela*, uma das peças mais importantes do teatro de vanguarda brasileiro. *Deus e o diabo na terra do Sol* o consagrou como rosto do cinema nacional experimental.

Fazer *Não me rendo, não!*, em cartaz desde 2024, pode parecer um ato de generosidade, mas Othon explica que é vontade misturada com coragem. “Quando você tem alguma coisa importante, não deve guardar para você eternamente, deve doar”, acredita. Em entrevista, ele conta como o teatro e o cinema foram importantes para se tornar o Othon Bastos que trocou a odontologia pelo soldado mudo e pelo cangaceiro icônico.

A doação de 75 anos de carreira



TI NIEMEYER